BRASIL | FRIGORÍFICOS | PANDEMIA

Reuters publicou recentemente um detalhado relatório em inglês sobre a Covid-19 e sua proliferação nos frigoríficos da JBS no Brasil. No material que traduzimos e transcrevemos a seguir, encontrarão a participação de promotores e de autoridades do Ministério Público do Trabalho muito conhecidos pela Rel UITA, como Heiler Natali, Priscila Schvarcz e Jeferson Pereira. O relatório elaborado pela jornalista Ana Mano corrobora as múltiples denúncias efetuadas por nossa Internacional e por nossas filiadas Contac e Cnta, sobre a situação de vulnerabilidade sofrida pelos trabalhadores e trabalhadoras da maior companhía frigorífica do mundo.

Rel UITA

Relatório especial

COMO A COVID-19 ARRASOU COM OS MATADOUROS BRASILEIROS DA JBS, A MAIOR EMPRESA FRIGORÍFICA DO MUNDO

JBS SA, a maior empresa frigorífica do planeta, prometeu manter o mundo alimentado durante a pandemia de coronavírus. Os diretores informaram que a empresa incorporou mais de 15.000 novos trabalhadores no Brasil, neste ano, para poder produzir rapidamente cortes de carne suína, frango e carne de boi, em sua maioria para exportação. O lucro líquido do gigante da carne atingiu os 629 milhões de dólares no segundo trimestre, quase o dobro do que os analistas prognosticaram.

Entretanto, esse lucro inesperado teve um custo: entre os trabalhadores da **JBS** no **Brasil** há mais de 4.000 casos positivos de coronavírus registrados, e pelo menos seis trabalhadores morreram de Covid-19, de acordo com os registros das autoridades sanitárias locais, como também devido à informação recolhida pela promotoria e pelos três sindicatos de funcionários que estão investigando a empresa.

Promotores, trabalhadores, funcionários da saúde e representantes sindicais informaram a **Reuters** que pelo menos 23 fábricas em sete estados foram afetadas por focos de contágio, **contribuindo para o crescimento da pandemia no maior país da América do Sul.**

A **JBS**, cuja sede está em São Paulo, nega ter atuado mal. A empresa defendeu repetidamente sua resposta à pandemia no **Brasil**, afirmando publicamente que a saúde de seus trabalhadores é sua "principal prioridade". Não quis comentar sobre os contágios e os casos mortais, alegando que só dará informações sobre a Covid-19 para as autoridades.

Com mais de 4,1 milhões de casos confirmados de coronavírus, o **Brasil** só é superado pelos **Estados Unidos** e pela **Índia** com relação à magnitude da pandemia; cerca de 127.000 brasileiros morreram. **Alguns frigoríficos da JBS se transformaram em lugares de propagação comunitária do vírus, segundo informam funcionários de saúde e promotores do Brasil.**

O primeiro contato da **JBS** com o vírus aconteceu em março, em suas operações nos **Estados Unidos**, quando foi preciso deter a produção em uma fábrica de carne bovina da Pensilvânia, após alguns supervisores aparecerem com sintomas similares aos da gripe. Também foi notícia o fechamento temporário de duas instalações da **JBS**, devido a importantes focos de contágio, um em um frigorífico de carne bovina em Colorado e o outro numa fábrica de carne suína de Minnesota.

Menos conhecidas são as dificuldades enfrentadas pela empresa no **Brasil**, onde se transformou em um imã de litígios. Desde abril, os promotores de alguns dos maiores estados agrícolas do **Brasil** entraram com 18 ações nos tribunais do trabalho especializados do país.

Foi exigido da JBS que implementasse medidas de proteção mais estritas para seus trabalhadores, em pelo menos 17 dos frigoríficos brasileiros da empresa, onde foram registrados focos de coronavírus.

Outras empresas frigoríficas também tiveram que combater o vírus em suas fábricas. Algumas empresas com sede no **Brasil**, como a **Marfrig** e a **BRF**, chegaram a acordos com os promotores, se comprometendo a fazer testes em seus trabalhadores de forma sistemática e contínua, com o fim de minimizar a propagação do vírus e de manter as fábricas em funcionamento.

A **JBS**, em troca, ignorou em grande parte os pedidos dos promotores de que os tais testes fossem feitos, por ser algo que o **Brasil** não exige expressamente por lei.

"Não há nenhum requisito do governo nem de nenhum organismo regulador ou sanitário que obrigue os frigoríficos a realizarem os testes", a **JBS** disse em uma declaração.

Reuters examinou as sentenças dos juízes e a informação oferecida pelos promotores durante as investigações na **JBS**. A agência de notícias também entrevistou mais de 30 pessoas que sabiam dos contágios nas fábricas da **JBS** no **Brasil**, entre elas promotores, altos funcionários da saúde, tanto os anteriores como os atuais, líderes sindicais e trabalhadores.

Entre as acusações feitas pelos promotores, assim como os inspetores do trabalho do governo que documentaram as condições em duas fábricas da **JBS**, registra-se que o vírus se propagou na **JBS** porque a empresa não realizou os testes nos locais de trabalho, não proporcionou quantidade suficiente de máscaras e nem os equipamentos de proteção necessários para os funcionários de primeira linha, além de não terem isolado rapidamente os trabalhadores que foram diagnosticados positivos ou que apresentaram sintomas de Covid-19.

Os promotores exigem protocolos de testes e de quarentena mais rigorosos, equipamentos de proteção pessoal adequados e um maior distanciamento entre os trabalhadores das fábricas de carnes brasileiras.

Também exigem que a **JBS** pague por danos e prejuízos num valor próximo aos 3 milhões de reais (566.091 dólares) e 20 milhões de reais (3,77 milhões de dólares), para ajudar as comunidades locais próximas da maioria das fábricas atingidas a obterem equipamento médico e financiamento para projetos sociais.

"A **JBS** é líder mundial em seu setor e deveria dar o exemplo", disse **Heiler Natali**, um promotor que se ocupa de supervisar o procedimento da ação judicial contra a empresa no Paraná, região sul do Brasil.

"A **JBS** não quer aplicar testes em seus trabalhadores e trabalhadoras, e nem assumir responsabilidades".

Os litígios levaram ao fechamento temporário de seis fábricas da **JBS** no **Brasil** este ano, de acordo com os promotores.

A **JBS** afirmou que só cinco dos mais de cem estabelecimentos no **Brasil** foram fechados, e que a sexta fábrica citada pelos promotores nunca esteve fechada.

Trata-se de uma fábrica de carne suína em Três Passos, estado do Rio Grande do Sul, região sul do **Brasil**. Segundo uma ordem judicial de 22 de junho, à qual a **Reuters** teve acesso, um juiz trabalhista local estabeleceu 14 dias de licença remunerada, para todos os trabalhadores da fábrica que tinham testado positivo para Covid-19, e que fosse feito o teste em todos os demais trabalhadores.

Cerca de 40 % dos 1.017 trabalhadores desse estabelecimento testaram positivo para Covid-19, sendo que um deles morreu, de acordo com os promotores.

A **JBS** se negou a fazer declarações sobre os litígios pendentes. Defendeu as medidas que adotou, informando à **Reuters** que, entre outras medidas, havia contratado consultores para assessorarem a empresa sobre protocolos sanitários, como, por exemplo, o distanciamento físico adequado nas fábricas.

Em julho, a empresa decidiu realizar os testes em grande escala nos trabalhadores de uma fábrica de carne suína, em Dourados, ao sul de Mato Grosso do Sul, em função de um acordo estabelecido com os promotores.

Em 14 de agosto, em uma teleconferência convocada para informar sobre os lucros da empresa, o gerente geral **Gilberto Tomazoni** disse que estava "orgulhoso" da resposta da **JBS** diante da crise, porque a empresa, em suas palavras, havia feito um investimento mundial de 400 milhões de dólares para proteger os trabalhadores e as comunidades próximas aos seus estabelecimentos.

Em total, a JBS tem 135 estabelecimentos no Brasil, incluídas as fábricas de carne bovina, avícola, suína, e de couro, assim como escritórios e centros de distribuição. Essas operações representam aproximadamente uma quinta parte de sua renda mundial. A JBS emprega 240.000 pessoas em todo o mundo, incluídas 135.000 no Brasil.

Promessas quebradas

O coronavírus é a mais nova dor de cabeça da **JBS**, que nos últimos anos se viu abalada por escândalos de corrupção e da segurança dos alimentos. Esses problemas atingiram o preço de suas ações, adiaram uma cobiçada cotação na bolsa de valores estadunidense, custando-lhes pesadas multas.

Mas, a procura mundial de proteína animal fortaleceu a **JBS**. No ano passado, informou lucros recorde. Quando o vírus chegou, no início de 2020, o incentivo para manter suas fábricas do **Brasil** em funcionamento era alto. Fechamentos em seus estabelecimentos nos **Estados Unidos** levou a recortes na produção desse mercado chave.

Por outro lado, uma moeda brasileira enfraquecida fez com que a carne produzida no **Brasil** fosse mais barata para os compradores estrangeiros. As exportações de carne bovina brasileira da **JBS** à **China**, por exemplo, aumentaram 53 % em dólares no segundo trimestre. A empresa exporta para 190 países.

Em uma teleconferência, em março, o gerente geral **Tomazoni** prometeu aos investidores que o

fluxo de produção seria mantido, mas que também a saúde dos trabalhadores estaria em primeiro lugar.

Anunciou medidas para as fábricas da **JBS** em todo o mundo, incluídas licenças remuneradas para os funcionários que fazem parte dos grupos de alto risco, manter uma limpeza profunda das fábricas e um maior distanciamento nos ônibus da empresa, ao transportarem os trabalhadores até os estabelecimentos.

Tomazoni advertiu que essas medidas poderiam não ser implementadas em todos os países devido às leis locais, mas a **JBS** posteriormente confirmou para a **Reuters** que todas as medidas anunciadas seriam aplicadas no **Brasil**.

Nessa teleconferência, Tomazoni também disse que a JBS controlaria a temperatura de todos os trabalhadores brasileiros, que seriam também vacinados contra o vírus H1N1, para reforçar a sua imunidade, além de aumentar a distância entre os trabalhadores nas áreas comuns das fábricas.

No **Brasil**, a **JBS** nem sempre cumpriu as promessas que fez, se considerarmos os expedientes judiciais e as entrevistas aos promotores, sindicatos e funcionários.

Um exemplo disso é uma auditoria realizada em meados de maio por inspetores do trabalho do governo, em uma fábrica avícola da **JBS**, localizada em Ipumirim, em Santa Catarina, no sul do **Brasil**.

O relatório da auditoria, ao qual a **Reuters** teve acesso, revela que a **JBS** enviara de volta ao trabalho pelo menos um funcionário da fábrica com coronavírus confirmado, e que mantivera ativos 42 trabalhadores com patologias subjacentes, como hipertensão. Sete deles, mais tarde, testaram positivo para Covid-19.

Ao revisar os registros médicos dos trabalhadores, os inspetores detectaram 86 casos confirmados de Covid-19 em Ipumirim, representando 6 % da força de trabalho dessa fábrica, de acordo com o relatório.

A **JBS** se negou a fazer declarações sobre o relatório.

O primeiro caso confirmado de Covid-19 na cidade de Colíder, estado de Mato Grosso, foi detectado em maio e era um trabalhador da fábrica de carne bovina da **JBS**, de acordo com dados da saúde pública, citados pelos promotores na ação judicial.

Dos 602 trabalhadores desse frigorífico, até 17 de junho, 84 tinham testado positivo para Covid-19, atingindo uma taxa de infecção quase 12 vezes mais alta que a da própria cidade, segundo alegaram os promotores.

A **JBS** negou ter atuado mal em Colíder. Alegaram que para atender possíveis infecções nessa fábrica, a empresa seguiu as normas federais, tendo sido assessorada por prestigiosas instituições médicas.

Em uma fábrica de carne bovina, na cidade de Araputanga, também em Mato Grosso, os promotores qualificaram a situação como "fora de controle epidemiológico", com 51 infecções, num total de 1.070 trabalhadores, segundo registrado, em 4 de agosto, na ação judiciária.

A **JBS** objetou essa cifra de infecções em Araputanga, mas não deu maiores explicações.

Trabalhando 'Ombro a Ombro'

O setor das carnes no **Brasil**, como em grande parte do mundo, viu-se fortemente atingido pela pandemia de Covid-19. No **Brasil**, as autoridades sanitárias federais não estão fazendo um registro de casos por indústria, portanto desconhecem o número total de infectados no setor frigorífico.

A **Contac-CUT**, o sindicato nacional de trabalhadores da alimentação, estimou em

agosto, fazendo uma sondagem entre os seus filiados locais, que até 25 % dos 500.000 trabalhadores dos matadouros do país foram infectados.

A Associação Brasileira de Proteína Animal (**ABPA**), um grêmio industrial que representa os processadores de carne suína e avícola, considerou essas cifras como "desinformação" baseada em estimativas.

Os promotores afirmam que a **JBS** fica atrás de seus rivais na implementação de medidas para deter o avanço da Covid-19 em seus estabelecimentos.

Marfrig e BRF, ambos com sede em São Paulo, estão no grupo das 30 empresas que operam um total de 98 frigoríficos e empregam mais de 185.000 pessoas. Nos últimos meses chegaram a acordos com os promotores que lhes permitiram, em grande medida, continuar com a atividade.

Um dos compromissos fundamentais, estabelecidos em todas essas empresas, foi o de que seguiriam bancando a realização de testes de rotina, continuamente, em seus trabalhadores para detectar casos precocemente.

A **Marfrig** disse que havia começado a realizar testes em seus 18.000 trabalhadores em 1º de junho. A **BRF**, que emprega 90.000 pessoas no **Brasil** e é a maior exportadora de frangos do país, disse para a **Reuters** que tinha realizado 11.000 testes só em sua fábrica de Toledo, localizada no Paraná.

A **JBS** optou em muitos casos por ir a julgamento. Os promotores afirmam que tiveram que obter ordens judiciais para obrigar a **JBS** a fechar suas fábricas temporariamente e a instrumentar mudanças, tais como um distanciamento físico mais rígido.

"Fechar uma fábrica é uma medida de último recurso", afirmou **Priscila Schvarcz**, uma promotora do estado do Rio Grande do Sul. **Schvarcz** está promovendo uma ação contra a **JBS** pelas condições em seu estabelecimento avícola, na cidade de Passo Fundo.

Em 24 de abril, a fábrica foi obrigada a fechar por quase um mês depois de que alguns trabalhadores adoeceram, com Covid-19. Um total de pelo menos 305 trabalhadores testaram positivo para Covid-19, depois de surgirem alguns focos na empresa, informou **Schvarcz**.

A **JBS** disse para a **Reuters** que prefere não entrar em acordos com os promotores, porque cumpre com todas as normas estabelecidas pelo governo federal para operar na pandemia. Disse que continuará defendendo seus "fortes" protocolos de segurança nos tribunais do país.

A empresa obteve algum sucesso com essa estratégia. Em 3 de julho, um juiz de um tribunal estadual de apelações ordenou a reabertura da fábrica avícola de Passo Fundo e, em sua sentença, argumentou que mantê-la fechada "poderia acarretar na perda de postos de trabalho, reduzir a arrecadação de impostos e ameaçar o fornecimento de alimentos".

Alguns trabalhadores da **JBS** disseram para a **Reuters** que tinham medo de adoecer, mas não podiam renunciar ao trabalho, porque precisavam receber uma remuneração. Dois funcionários das fábricas avícolas da **JBS**, em Santa Catarina -uma em Ipumirim e outra em Nova Veneza- **disseram, em julho, que a empresa proporcionava, para cada um deles e de seus companheiros de trabalho, apenas uma única máscara, que tinha que durar os cinco dias de trabalho.**

A **JBS** também racionava as máscaras em sua fábrica avícola de Passo Fundo e no frigorífico de carne suína em Mato Grosso do Sul, segundo um promotor e o advogado do sindicato dos trabalhadores de Dourados.

“Meu companheiro pegou o vírus”, disse um trabalhador de Ipumirim, que pediu anonimato para poder falar. “Realmente, trabalhávamos ombro a ombro e a empresa se negou a fazer um teste em nós”.

A **JBS** se negou a falar sobre as acusações de que racionava as máscaras ou de que os funcionários trabalhavam com muito pouca distância entre eles.

Propagação comunitária

Algumas fábricas da JBS foram associadas às propagações comunitárias. Em São Miguel do Guaporé, um pequeno povoado do estado amazônico de Rondônia, no norte do Brasil, em 6 de junho, 266 trabalhadores da fábrica de carne bovina da JBS estavam infectados, o equivalente a mais de 60 % de todos os casos positivos no povoado, de acordo com os promotores.

Em 26 de maio, obteve-se uma ordem judiciária para fechar temporariamente as instalações, visando a deter o foco de contágio.

“A fábrica é a principal fonte de contaminação e de transmissão, neste pequeno povoado”, **Wadler Ferreira**, um juiz trabalhista local, afirmou em sua sentença. A fábrica de São Miguel do Guaporé, que no momento do foco empregava 900 pessoas, é a maior fonte de trabalho do povoado.

Em Mato Grosso do Sul, lá pelo mês de maio, trabalhadores da **JBS** começaram a adoecer na fábrica de carne suína de Dourados. Em vez de procurar uma ordem judicial para fechar a fábrica, o promotor **Jeferson Pereira** conseguiu um acordo entre a **JBS** e os oficiais sanitários locais, para realizarem testes maciços em julho, com financiamento principalmente do estado. **Aproximadamente uma quarta parte dos 4.300 trabalhadores testaram positivo, o que provocou um dos piores focos do estado, afirmaram os promotores.**

Dourados, uma cidade de 223.000 habitantes, foi duramente atingida. Cerca de 6.058 pessoas testaram positivo para Covid-19, vindo a falecer 82, de acordo com os dados do Ministério da Saúde, de 7 de setembro. Além da **JBS**, outras fábricas frigoríficas da região apresentaram focos.

“Toda a pandemia em Dourados começou nos frigoríficos. Isso é um fato epidemiológico”, disse **Julio Croda**, um epidemiologista e ex-diretor do departamento de imunização e doenças transmissíveis do Ministério da Saúde.

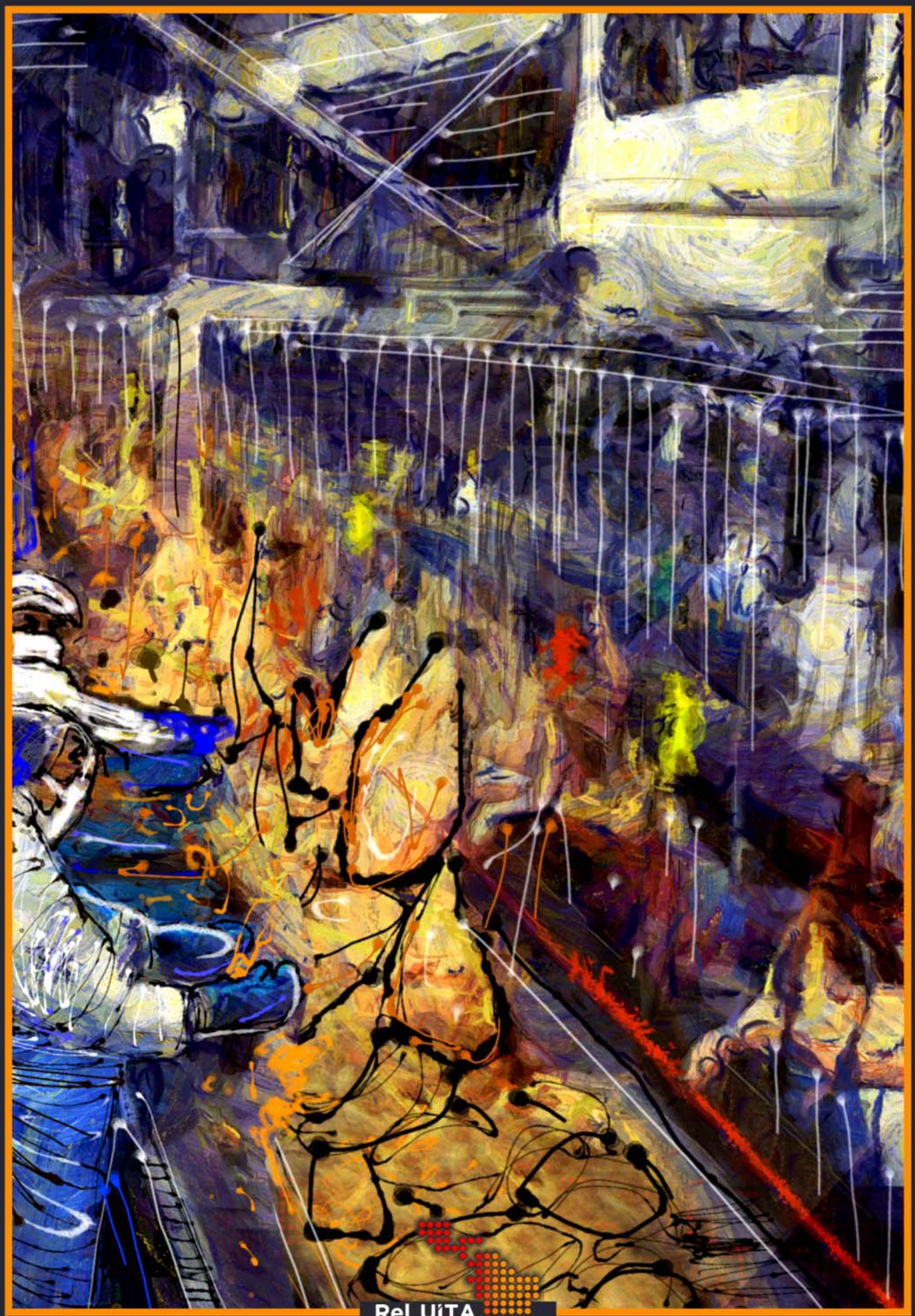
ABPA, o grêmio da indústria, rebate a avaliação de **Croda**. Afirma que a indústria atuou sempre para controlar o vírus ao mesmo tempo em que trabalha para manter o fornecimento de carne.

Um sindicato, que representa os trabalhadores da unidade de Dourados, entrou com uma ação, em 14 de julho, para obrigar a empresa a pagar pelos gastos de atendimento médico dos trabalhadores que contraíram Covid-19.

Essa ação ainda está em andamento.

A **JBS** defendeu seu acionar. Disse que os testes em Dourados “apresentaram bons resultados já que preveniram e controlaram eficazmente o contágio por Covid-19 na fábrica”.

Ana Mano


Rel UiTA